

Mulher fugiu de trem

ROMANCE POLICIAL

TOM AZEVEDO

*Para Sandra
E para Rosa*

Capítulo 1

Ela se chama Désidé e tem 22 anos. Vestida com pouca roupa Désidé deitou-se em um sofá na sala do luxuoso apartamento de 4 quartos e folheou uma revista – melhor seria dizer que ela tentou folhear a revista. O apartamento parece um museu ou um palacete em Madri, com uma coleção variada de objetos dos séculos XV a XIX. Ambientes da vida doméstica de outros tempos estão reproduzidos em telas penduradas nas paredes de todos os cômodos – uma é o preparo de uma chocolatada numa cozinha valenciana, cena que na realidade foi pintada em 1604, azulejos de Manises, datados do

século XVIII. O apartamento ou museu ou palacete tem uma coleção de móveis espanhóis dos séculos XVI e XVII. Tem uma Sala de Tapeçarias com artesanatos, tapeçarias, móveis, tapetes espanhóis e cerâmica. Objetos em vidro e couro, porcelanas e peças artísticas em metal, joias, leques, bordados e brinquedos, sem falar numa coleção de presépios. Há um cabinet de ébano, de estilo flamengo, de meados do século XVII que vale uma fortuna. Um cabinet é um móvel de luxo, com gavetas e compartimentos fechados por portas, que repousa sobre uma base às vezes independente e que serve para guardar objetos preciosos. E cantoneiras. Há cantoneiras espalhadas por todo o apartamento, parece que em cada canto de cada cômodo há uma cantoneira. Uma é réplica de uma cantoneira estampada por E. Lavasseur, de acaju, ornamentos

de bronze cinzelado e dourado, com tampo de mármore. Essa cantoneira é da época de Luís XVI e a original está no Petit Trianon, em Versalhes. Cantoneira é um armário ou prateleira triangular que se ajusta ao canto de um aposento e serve para guardar louça, roupas de mesa e outros objetos. É uma réplica de um oratório mineiro do século XVIII, medindo 92cm de altura por 40cm de largura e que se encontra no Museu de Arte Sacra, São Paulo, Brasil. Oratório qualquer um sabe o que é, uma capela em miniatura, um nicho ou pequeno armário de madeira ou outro material onde ficam santos e imagens. Os capitalistas descobriram que uma das melhores ações na Bolsa é a aquisição de obras de arte.

Folheou, não conseguiu se concentrar no que fazia e tornou a fechar

a revista. Jogou a revista no chão, não muito longe do sofá – talvez tentasse ler de novo, mais tarde. Désidé descobriu que os pensamentos a afligiam. Isto foi fácil descobrir, mas em que mesmo estava pensando?

Ah, sim. Lembrou-se. Estava pensando em uma porção de coisas. Não era bom pensar muito.

Désidé gostava da sua vida de modelo, gostava da profissão de modelo. Ganhava bem, fazia muitos amigos, ou falsos amigos, mas o dinheiro comprava tudo. Dava status. E era muito disputada pelos homens. Aliás foi essa disputa mesma entre os espermatozóides para fecundar o óvulo que criou a situação atual, que a oprimia.

Conversou com uma amiga, uma colega de trabalho, uma lembrança de quando era modelo, por telefone, sobre

sua situação atual. O amante de Désidé chamava-se Kleper – era o dono do apartamento, ele era rico, tinha menos de quarenta anos.

- Ele é ciumento – disse Désidé à amiga por telefone.

- Isso eu já sabia. Você me contou há muito tempo – replicou a amiga, que se chamava Silvie.

- Sabe que eu larguei o emprego, não sabe? – disse Désidé.

- Sei - respondeu Silvie.

- Eu não estou mais trabalhando. Tem graça? Não sei por quanto tempo vou aguentar.

- Kleper não quer que você trabalhe? Você disse que ele é ciumento.

- Infelizmente isso está acontecendo.

- Por que se submete?

- Não sei.

- Eu acho que sabe.
- Você sabe por que uma mulher se envolve com um homem?
- Por muitas razões.
- Eu acho que as pessoas se envolvem umas com as outras e não sabem por quê.
- Pode ser.
- Por que eu resolvi ser mulher dele?
- Você não sabe?
- Se disser que sei estou mentindo.
- E como não sabe por que resolveu ser mulher dele...
- Deve ser porque ele quis – interveio Désidé.
- Eu sei que há mulheres que são independentes. Mandam no próprio nariz.
- Você é?
- Não sei se sou. Mas tento ser.

- Ainda não foi posta à prova.
- Deixa pra lá. Eu ia dizer que assim como não sabe por que entrou não sabe por que continua.
- Acho que é isso.
- Em outras palavras, não soube entrar e não sabe sair.
- Não sei se é isso.
- Quer sair?
- Eu não queria parar de trabalhar.
- Mas quis ser mulher dele.
- Quis. Num momento. Pode ter sido sem querer. Um descuido. Eu estava distraída.
- E ele se aproveitou. Ainda quer ser mulher dele? Gosta de ser mulher dele? É bom ser mulher dele? Quer continuar a ser mulher dele...?
- Chega, Silvie. Ou melhor... Desculpa. Você é objetiva. Gosto de você, ajuda a gente a pensar. Acho que

eu não sei pensar direito.

- Aprende. Aprende a tomar decisões também.

- Você é assim?

- Tento ser. Procuro ser.

- Pensa e decide?

- Esse é meu modo de ser. Às vezes a vida contraria todos os nossos planos.

- Tem contrariado os seus muito?

- Não me queixo. E você? Tá demais?

- Estou contrariada.

- Que tal largar esse homem?

- Eu pensei nisso.

- E por que não larga?

- Ainda não tomei a decisão.

- Provavelmente por não saber pensar. Estou tentando te ajudar.

- E está.

- Quer que eu vá aí conversar com você?

- Quero. Você pode? Não está fazendo nada?
- Vou aí.
- Vem agora?
- Vou.
- Então vem.
- Parece que você está com um problema que não sabe resolver, não é isso? Ou eu estou enganada?
- Você está certa. Mas também não pensa que eu sou fraquinha.
- Eu sei. Às vezes os ratos roem a montanha.
- Não sou nenhuma montanha.
- Vou aí.

* *

A ex-modelo Désidé estava

desorientada. Depois desta conversa por telefone com Silvie parou um pouco para pensar. Sua amiga estava certa, convinha pensar, afinal para que Deus nos deu o cérebro?

Pensou uma porção de coisas – tinha começado antes, no sofá, não era tão desmiolada assim. E não era pusilânime. Algumas vezes chegou a pensar que as mulheres eram mais fortes do que os homens. Mas por que ver as coisas assim, em termos de mais fortes e mais fracos? Bom seria que todos fossem amigos e houvesse igualdade, mas isto era uma quimera, uma utopia.

De um modo ou outro parecia que algumas pessoas não eram muito determinadas, não tinham vontade muito forte, hesitavam excessivamente diante das encruzilhadas da vida e talvez sentissem medo com uma frequência que

estava longe de ser recomendável. Ela era assim, ou um pouco assim. E Silvie era o contrário dela, enérgica, decidida – podia dizer, sem medo? Quem não tem medo? Só se for de ferro. Estava pensando muito nisso, medo, fez esta observação a si mesma. Por que seria? Sentia medo?

E uma pessoa timorata como ela, continuou com os pensamentos, se sentia bem na companhia de uma pessoa de espírito forte como Silvie.

Ainda bem que ela vinha.

E de si consigo disse mais, precisava aprender a ser como sua amiga – como Silvie recomendou, aprende a pensar e a tomar decisões na vida, mulher. Uma mulher e tanto, Silvie. Se fosse feia iam dizer que era feminista. A tal da Betty Friedan era feia pa caralho. Era tida na conta de fundadora do movimento

feminista moderno nos Estados Unidos. O feminismo, tentou compreender Désidé, estimula as mulheres resignadas a aceitar os limites das próprias vidas, como ela, a perguntar se podem modificar sua condição. Sabia que com o tempo muitas mulheres bonitas no mundo todo deixaram de ser mulheres-objeto e se tornaram feministas. As mulheres brasileiras eram quase tão bonitas quanto as francesas e uma atriz brasileira muito bonita e sensual simbolizou a liberação feminina no Brasil em um dos momentos mais repressivos da história, a quartelada dos anos 60, com a contrapartida de todos os movimentos de rebelião no mundo todo. Segundo a reportagem que estava lendo na revista Leila scandalizava e revolucionava só com seu modo de ser alegre e sexual. Ela saía de casa de